

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO.

1ª Epist. aos Corinthios cap. I, v. 23.

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 102

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura annual 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qualquer mez, mas finda em Dezembro

ANNO XII

Rio de Janeiro, Maio de 1903

NUM. 137

O CHRISTÃO

Convenção Nacional

A Associação Christã de Moços do Rio de Janeiro, por sua directoria, no intuito de vêr desenvolvida esta util instituição no Brazil e de congraçar a mocidade das diversas partes do nosso paiz, em boa hora lançou a idéa da convocação de uma Convenção Nacional das Associações Christãs de Moços existentes no Brasil e procurou desde logo pol-a em pratica fazendo coincidir a sua realisação com a commemoração do decimo anniversario da fundação da primeira A. C. M. no Brasil, isto é, em julho do corrente anno.

A Commissão Organizadora, por ella creada para este fim, tem desempenhado fielmente as suas attribuições e hoje os evangelicos do paiz inteiro já sabem o que se vai fazer e os pastores das igrejas evangelicas estão scientes do programma da Convenção.

Se alguém ainda duvidar do grande alcance desta Convenção para a causa evangelica no Brazil em geral, poderemos appellar já não para os maravilhosos resultados das convenções em paizes evangelicos, mas para a do paiz irmão, Portugal, onde as associações, principalmente depois da ultima convenção, tomaram um desenvolvimento espantoso, havendo associações até em villas onde seus membros são muito pobres, não se podendo tambem negar a este movimento uma grande parte do desenvolvimento do Evangelho naquelle paiz.

Vendo os beneficos resultados colhidos em outros paizes da mesma raça, não nos é licito duvidar do bom exito desta Convenção mórmente tendo a Commissão pedido a direcção do Senhor para todo o serviço.

Vimos, por este meio, apoiar a digna Commissão Organizadora e recommendar a todos os irmãos que peçam a benção do Senhor sobre esta Convenção e que attendam ás solicitações de suas circulares.

A todos os interessados diremos: —A' CONVENÇÃO.

* * *

Diremos agora algumas palavras sobre o que ha feito.

A data da Convenção ficou fixada para 16 19 de julho deste anno. O discurso da abertura será feito pelo Bispo Kinsolving, da Igreja Episcopal Brasileira e os rev. Tarboux, da Igreja Methodista, de Juiz de Fóra, F. F. Soren, da Igreja Baptista desta cidade, B. A. Shuman, secretario-geral da A. C. M. de Buenos Aires e representante da Commissão Internacional de Nova York, e outras pessoas tomarão parte no programma. O rev. Lino da Costa, além de tomar parte no programma fará umas tres conferencias preparativas para a Convenção tres dias antes de sua abertura.

Não transcrevemos o projecto do programma porque é muito extenso, mas o mesmo, conjunctamente com o boletim quinzenal da Commissão Organizadora, trazendo todo o andamento dos trabalhos, será remettdo gratuitamente a quem se dirigir ao digno secretario geral, Myron A. Clark, rua da Quitanda, 39, séde da A. C. M. do Rio.

Conferencia Ecumenica Brasileira

Ainda que não fomos chamados nominalmente, não podemos todavia, em tratando de assumptos de magna importancia como é a Conferencia Ecumenica, furtar-nos ao prazer de aqui archivarmos a nossa solidariedade á ideia feliz, em tão boa hora lembrada pelo rev. J. W. Tarboux e entusiasticamente aceita e ventilada por alguns de nossos collegas e muitos dos nossos irmãos.

Trazendo o fraco contingente de nossa adhesão a um tão digno movimento, como é o da Conferencia Ecumenica Brasileira, que tende para o congraçamento dos crentes evangelicos no Brazil, fazemos votos a Deus para que isso não só se nos afigure uma ideia boa e realisavel, mas que os crentes de todas as denominações, cooperando conjuntamente com a «Alliança Evangelica de S. Paulo», tomem a peito a promoção de tão nobre ideal a fim de consummal-o em facto que, sob os auspicios da direcção do Espirito Santo, será glorioso nos annaes da Historia Evangelica Patria e de grande utilidade, estamos certos, no aproveitamento espirital de todas as comunidades evangelicas do paiz.

Deixamos de suggerir aqui qualquer topico, manifestando assim a nossa approvação aos já mencionados, que com outros que ainda possam surgir, devem ser redigidos e catalogados devidamente.

Que Deus po's, do alto de Sua gloria, sancione com Sua divina approvação tão auspicioso empreendimento, são as nossas sinceras e fervorosas supplicas.

Ordens Religiosas

São de conhecido litterato as seguintes linhas, excerptos de um bem lançado artigo publicado na *Gazeta de Noticias*.

«Não pretendemos levar, nem levaremos para o terreno das escaramuças nas praças publicas a questão da abbadia de S. Bento.

Dissemos ao paiz, desde que começamos essa maldada questão: O capitulo que se quer impingir como uma coisa sréia não é outra coisa mais do que uma farça jesuitica. O movimento que se ope-

ra no Brazil é um movimento de jesuitas, um perigo nacional, que vai comprometter seriamente os destinos das gerações futuras, para as quaes estamos trabalhando. Urge que o governo intervenha no pleito, de modo a evitar aquelle perigo porventura, o peor que temos arrostado em a nossa curta vida republicana. A attitude, porém, deste, em face dos acontecimentos, não é de quem está disposto a prestar mão forte aos que combatem pela razão e pela liberdade de consciencia, mas sim, á fradaria i vasora, insidiosa e famelica que, repellida de todas as partes, vem bater-nos ás portas, como se foramos um povo de inconscientes, o refugio desse poder clandestino, desse despotismo disfarçado, dessa pirataria religiosa.»

«Sob esse aspecto, é, sem duvida, a ordem benedictina a unica que nos parece a mais racional, porque não é apenas nma escola onde se vão perder as faculdades mentaes, pelo lento exterminio da razão, pela cultura do embuste, pela exploração dos sentimentos mais puros e mais nobres, que dão a cada homem o seu lugar em meio ás luctas das sociedades modernas.

O frade é um mutuario, e por consequencia, não só elle, como a sociedade a que pertence, estão sujeitos ás leis civis que regem aquella especie. Sendo assim, como permittir que penetre em uma tal associação quem não se habilitou para esse fim? Trata-se ou não se trata de uma extorsão de direitos que o governo não pôde deixar de intervir para o fim de sustar a violencia? O capital que os frades brasileiros representam pertencelhes de pleno direito. Só elles são os competentes para usal-o e applical-o, como entenderem. Directamente, a nossa jurisprudencia só tem que encarar a questão por este lado. Depois, sim seguem-se as de ordem moral, politica e sociologica.

Os frades estrangeiros pretendem explorar, administrar e gozar bens que lhes não pertencem, que representam um capital immenso, mas que é essencialmente nacional, visto como são prestações feitas por frades brasileiros, no momento de receberem a investidura da ordem que o patriarcha creou, como um modelo de humildade, obediencia e castidade. Seja

como for, quem não tiver satisfeito as exigencias que regem as sociedades mutuas, incorre em pena, desde que tente usufruir o seu patrimonio. E' o caso dos beneditinos estrangeiros, que a policia quer a todo transe manter no mosteiro de S. Bento, a despeito do nosso clamor e da viva antipathia que causam ao povo brasileiro os sectarics de Loyola.»

«Ora, tememos, declaramol o bem alto, a immixção fradesca nos nossos negocios. Cotejando-se as varias civilisações é para se ter medo da Igreja, quando ella interpõe a sua agencia em cousas que não são da sua alçada. O frade envenena lançando mão destes quatros toxicos: a miseria, a ignorancia, os vicios e o odio. Com o tempo, porém, aqui e alli, apparecem com maior ou menor intensidade, as reacções contra os autores dos nossos males.»

«Não queira o governo, instituido para nos proteger contra toda a sorte de ameaças e ardis preparados pelos velhos e conhecidos órgãos da intolerancia e da cubiga, ser cúmplice na obra que pretendem os jesuitas iniciar no Brazil. O governo sabe que não está trabalhando só para o presente: deve entregar-se tambem ás cogitações do futuro.»

«Não transformemos as gerações vindouras, pela nossa cegueira e pelos nossos preconceitos de educação em oppressores cruéis. Não lhes transmittamos o veneno da injustiça, preparado pelo sigilo claustral, para que o exaltado coração de nossos netos não se inflamme nos prazeres da oppressão. Que os seus costumes e as suas luzes sejam conformes com os dogmas de uma fé mais humana.»

Em outro artigo, que não transcrevemos na integra por ser extenso, diz o seguinte:

«Que pretendem, então, os jesuitas, que um despacho do juiz federal collocou no mosteiro de S. Bento, contra a expectativa geral? Iniciar o systema de cavillações, substituindo as leis nacionaes por outras transplantadas ou hybridas, filhas do interesse jesuitico, da iniciativa e dos recursos creados por aquellas confrarias para evitar que as nações se desenvolvessem e prosperem.»

«De facto, o que se pretende e o patenteou o ex-internuncio Spolaerini, desde

1887, é sómente *canalisar* a propriedade nacional para as mãos de um pessoal suspeito e que, rebellando sempre contra a ordem civil, não perde occasião de tentar reivindicções de um regimem que já teve sua éra, mas está passado.»

O que se dizia em 1901, repetimos agora, quando o perigo se nos afigura maior.

Pondere bem o Supremo Tribunal Federal. Lembre-se que vai julgar uma questão que se prende ao futuro da nossa nacionalidade.

Não consintamos que os frades forasteiros ponham abaixo o edificio que vamos construindo com tanto esforço e paciencia.

O jesuitismo só nos pode trazer a oppressão, a espoliação e a ruina. O que elle quer é dinheiro, ainda dinheiro, sempre dinheiro, para poder levar a effeito a sua obra de destruição. Não houve ainda lugar algum em que puzesse o pé o jesuita, que não fosse victima de uma immensa e permanente perturbação moral. Perturba as almas, destróe as consciencias, allucina as multidões »

LUIZ MURAT.

ENCANTADO

Acta da sessão para organização da Igreja Evangelica do Encantado, aos 10 de Maio de 1903.

Sob a presidencia do pastor João M. G. dos Santos, após o culto da manhã, celebrado com muito aproveitamento perante numerosa Congregação pelo mesmo sr. Santos, que nos deu um substancioso sermão sobre Num. 11:29 se começa o acto de organização da Igreja que se denominaria—*Igreja Evangelica do Encantado*.

Precedendo algumas explicações, o sr. Santos pede ao sr. Marques para fazer a leitura da lista dos membros que deviam constituir a nova Igreja, attingindo a 56 o seu numero. Em seguida o sr. Santos lê as condições sob as quaes era organizada a Igreja, contidas na «Resolução de 17 de Março, de 1899.»

Finda a leitura são convidados os mem-

bro a ficarem de pé, como prova de acceitação das referidas condições. Nesta occasião sr. Santos declara oficialmente organizada a *Igreja Evangelica do Encantado*, apresentando, ao mesmo tempo, para Pastor, nosso prezado irmão Antonio Marques e para Diaconos os irmãos Alberto Luiz da Rosa e Ismael Cardozo da Silva, todos anteriormente ordenados.

Convidados os membros para de novo ficarem de pé em signal de acceitação destes irmãos para exercerem na Igreja os seus respectivos cargos, o fizeram promptamente com seus semblantes radiantes de gozo.

O sr. Santos passa a ler os versos de 1-4 do capitulo V da 1ª Epistola de São Pedro e, com palavras fraternaes de exhortação, dá a dextra de comunhão no trabalho do Senhor aos referidos irmãos, empossando no cargo de pastor da novel Igreja, ao nosso digno irmão, sr. Antonio Marques.

Terminada essa cerimonia, realisada com muita solemnidade, o sr. Santos convida o rev. Alvaro dos Reis que se achava presente por convite que lhe fóra enderegado, a dirigir nos algumas palavras, produzindo este amado irmão uma pequena, mas bellissima allocução. Saudando a novel Igreja em nome da Igreja Presbyteriana, que tão dignamente representa, exhortou o novo Pastor com palavras de piedade e espiritalidade, que foram de grande proveito e muito apreciadas.

Sendo offerecida a palavra a outras pessoas, falaram os irmãos Antonio Gonçalves Lopes e Israel Gallart, aquelle em nome dos officiaes da Igreja Evangelica Fluminense, e este congratulando-se com a Igreja Evangelica do Encantado, offerecendo-lhe os seus serviços, no que somos mui o gratos ao bondoso irmão.

Falou em seguida o nosso pastor, sr. Marques, fazendo sentir a ausencia de duas queridas irmãs fallecidas, D. D. Constantina M. da Silva e Leonor Martins, que de tão boa vontade assignaram o pedido de autonomia. Agradeceu á Igreja Fluminense, aos srs. Santos, Alvaro Reis e ás demais pessoas presentes o concurso prestado para esta occasião e termina fazendo sentir á Igreja a grande responsabilidade que pesava sobre elle e os novos membros e esperava, abaixo de

Deus, no amor, sympathia e boa vontade de todos, afim de desempenhar bem a sua missão.

Tomou a palavra ainda, o irmão José R. Martins, manifestando o grande contentamento pelo que acabava de presenciar, declarando que tinha completado sua obra no Encantado, exhortando a Igreja a proseguir, pois que a ella incumbia continuar o trabalho com a benção do Senhor.

Tendo este irmão concluido, o sr. Santos põe em relevo os esforços que o sr. Martins fez para o progresso do Evangelho nesta localidade, propondo que a Igreja manifeste sua gratidão para com este irmão, pelo seu zelo e trabalho na Congregação desde o seu principio, pondo-se de pé, o que foi correspondido promptamente, com viva satisfação.

Em seguida o nosso pastor sr. Marques, effectua o baptismo de tres pessoas e recebe uma por carta demissoria da Igreja Presbyteriana de Nova Friburgo, seguindo-se após este impressivo acto, a celebração da Santa Ceia pelo nosso venerando irmão, sr. Santos.

Nesta occasião o sr. Marques lê uma carta do pastor Leonidas da Silva em que se desculpava por não estar presente, ao mesmo tempo que manifestava seu melhores desejos para com a nossa Igreja.

Esta solemnidade terminou ás 3 horas da tarde, mais ou menos, por entre reciprocas congratulações e affectuosos abraços e apertos de mãos, notando-se viva satisfação em todos os semblantes.

Jamais assistimos a uma reunião tão bella, tão simples e edificante! Toda a solemnidade durou mais de quatro horas, não obstante, ninguem se levantou, ao contrario disso, como muitos manifestaram, estavam promptos a continuarem por mais tempo!

Não só pela organização da novel Igreja, sobre a qual rogamos o baptismo do Espirito Santo, mas tambem por esse solemne e glorioso culto, louvamos e bendizemos ao Senhor nosso Deus.

ALBINO J. BASTOS,
Secretario.

FRAGMENTOS

Typos de Christo nos seguintes livros da Biblia.

Genesis—Adão. Rom. 5 v. 14 e 1ª Cor. 15 v. 45. Melquisedeck, Salmo 110 v. 4; Heb. 6 v. 20 e cap. 7; Isaac, Gen. 22 com Heb. 11 v. 18, 19,

Exodo—Arão, Heb. 4 v. 14 a 16; cap. 5 v. 4, 5. O Cordeiro Pascoal, Exodo 12 v. 46 com João 19 v. 36 e 1ª Cor. 5 v. 7, 8. O Manná, Exodo 16 v. 15 com 1ª Cor. 10 v. 3. A Rocha em Horeb, Exodo 37 v. 6 com Rom. 3 v. 25; Heb. 4 v. 16.

Levítico—O Holocausto, (Lev. 1) figurando o completo, perfeito e sufficiente sacrificio de Christo, Heb. 9 v. 26; cap. 10 v. 14; 1ª João 1 v. 7. Hostia pacifica (Lev. 3) que representou a oblação de Christo, pela qual elle tornou-se nossa paz e salvação, Efes. 2 v. 14 a 16; Actos 13 v. 47; Heb. 5 v. 9, cap. 9 v. 28; e tambem nossa oblação de louvor, graças e oração a Deus. Sacrificio pelo peccado (Lev. 6 e 7), Jesus Christo fez sua alma (ou vida) uma offerta pelo peccado, Isaias 53 v. 10 com 2ª Cor. 5 v. 21.

Numeros—A Agua sahida da rocha, Num. 20 v. 11 com 1ª Cor. 10 v. 4. A elevação da serpente de bronze, Num. 21 com João 3 v. 14.

Josué—Josué não é expressamente indicado no Novo Testamento como um typo de Christo, mas é geralmente tido como tal. Seu nome é dado na versão Alexandrina com uma terminação grega. Jesus, e este nome é tambem dado em Actos 7 v. 45 e Heb. 4 v. 8 (Almeida) Jesué salvou o povo de Deus do poder dos Caminitas, fazendo o entrar na terra do descanso, e Jesus salva o seu povo dos seus peccados, Math. 1 v. 21.

Vinda de Christo.—Um eminente convertido Israelita disse «que os christãos são quasi tão ignorantes das circumstancias da segunda vinda de Christo, como os judeus foram da sua primeira vinda e pela mesma razão». Veja-se Lucas 18 v. 31 a 34.

Traição de Judas—Judas trahiou o Senhor Jesus por trinta moedas de prata, mais ou menos, 35\$000, era o preço pago por um escravo morto por uma besta.

JOÃO DOS SANTOS.

A Camara Secreta

CAPITULO V

NO PALACETE DE CHASTLETON

Foi na tarde de um dos sombrios dias de Novembro que os orphams avistaram, pela primeira vez, através da neblina, o telhado e as chaminés retorcidas do palacete de Chastleton. Chastleton era o sitio do tio d'elles, em Berkshire, e por um cordial convite d'aquelle é que estes ahi chegavam de mudança.

Ao passo que os cavallos subiam a avenida, as crianças observavam, não sem algum temor, o brilhar das luzes por entre as janellas da velha casa.

Como seria essa nova casa?

Como se dariam com os primos que iam ver pela primeira vez?

A locomoção não era facil naquelles tempos e porisso quando uma familia dividia os seus membros, não tornavam a encontrar-se senão passados longos annos. Era por esse motivo que as crianças não se recordavam do seu tio Gil; tinham, entretanto, uma pequena lembrança da tia, que tinha voz fina e que uma vez collocára as mãos nos hombros d'elles e exclamára: «Diniz, a tua filha é o retrato da mãe e o rapaz é o teu. Vê que não os estragues.»

Absorvidos nestes pensamentos, os jovens viajantes chegaram na casa e abriu-se logo a porta, appareceu o tio e os primos para saudal-os.

Passaram-se alguns mezes antes que se acostumassem á sua nova vida, porém agora já Cecilia e Bertram estão contentes com ella e com os primos. Era realmente uma nova vida para as crianças, pois achavam-se no meio de uma grande familia, sendo governados pela tia Joanna, que era tão buihenta.

Ellas lembravam-se ainda de sua mãe, apesar d'esta ter morrido ha muitos annos e sabiam como ella possuia maneiras tão delicadas e a voz suave; grande era a differença entre ella e d. Joanna!

A vez da sra. Hunter era forte e decisiva e não permittia contradicções. Dirigia tudo e todos, não sómente dentro como fóra de casa, pois seu marido, apesar de ser tão parecido nas feições com o seu defunto irmão, era muito differente d'elle no character; era bondoso e indo-

lente, só pensava na caça e nas abelhas não se importando com mais nada. Assim, a d. Joanna reinava em Chastleton, sendo a sua authoridade reconhecida por todos.

Alem d'isto, era catholica-romana e beata; seus filhos eram ensinados a ter horror e odio a tudo que cheirasse á doutrina da Igreja Reformada, e suas palavras eram tão duras, neste assumpto, e os gestos tão medonhos que Cecilia nunca ousára desabafar o seu coração, nem perguntar de que livro teriam sido tiradas aquellas palavras que ella lera para seu pae. Todavia, ella não podia esquecer-las.

«Não se turbe o vosso coração, nem fique sobresaltado» e «Tudo o que pedir-des ao Pae em meu nome, eu vo lo farei.»

Que doces palavras, e no entanto tinham sido lançadas nas chammas, com a sentença: «Antes um livro que um homem.»

Cecilia era pensativa demais para a idade, por isso meditava muito sobre este apparente paradoxo; mas, apezar de olhar de todos os modos para esse assumpto, não podia comprehendel-o. Entretanto, crescia, dia apoz dia, a convicção de que a fé do pae vacillára no fim, e que de qualquer forma má o amor e veneração pela crença religiosa de seus antepassados fóra abalada. Este pensamento era tão terrivel e doloroso para o seu coração terno de criança catholica d'aquelles dias que Cecilia sentia-se muitas vezes cruelmente constrangida. Só o que ella podia era poupar o seu dinheiro para mandar dizer uma missa pela alma de seu pae, por Fr. Lysons, padre da freguezia, e isso é que ella fazia assiduamente, fazendo o mesmo o seu irmão, porem sem dizer porque. Verdadeiramente o seu irmão era atormentado pelo mesmo horror, quanto á orthodoxia de seu pae, mas não ousava fallar francamente. Assim passou-se um anno, chegando o dia do anniversario da morte de Diniz Hunter.

O dia de S. Matheus sempre era feriado para as crianças de Chastleton, por ser o anniversario da pequenina Alice, a mais nova da casa e muito estimada por ser a unica filha. Já a tarde estava avançada e o sol brilhando obliquamente por

entre as arvores da matta, onde as crianças brincavam ha já algum tempo, quando Raul Hunter, bello rapaz de quinze annos de idade, sentado com os outros á margem do ribeiro, examinando um punhado de lama que continha sapinhos, levantou a cabeça e exclamou: «Ora, justamente na melhor parte do dia, temos de ir para casa. Por minha fé! Esqueci-me que tinhamos que estar mais cedo para a ceia, por causa da chegada de Sir João Cheke.» «Que homem aborrecido esse Sir João Cheke! Quem é elle?» Perguntou Robin, rapaz de boa apparencia e muito mais novo que Raul.

«Eu sei!» exclamou Bertram, que deitado no capim fazia uma cesta de vime para sua priminha. «Lembro-me de ter ouvido fallar d'elle. Elle era professor e conselheiro do rei Eduardo e era da Igreja Reformada; ainda mais, elle uniu-se á facção de Lady Jane Grey e foi desterrado. Dizem que offendeu de novo a rainha e trouxeram-n'o prisioneiro de Bruxellas. Ouvi dizer que pouparam-lhe a vida, com a condição d'elle renunciar a fé.»

«E elle renunciou?» perguntou a pequenina Alice, que, sentada ao collo de Cecilia, arranjava as flores.

«Decerto que sim,» replicou seu irmão mais velho, jogando fóra o punhalo de lama, sem notar que ainda que a lamacahia na agua, os sapinhos não chegavam ali, ficando espalhados na terra secca, a seus pés. Mesmo em cousas pequenas conhece-se o caracter dos rapazes.

«Elle agora é magistrado,» continuou Raul, «e por castigo tem de julgar os herejes. E' bem feito!»

«Oh, Raul, isso é duro!» disse Cecilia com o olhar excitado.

«O que sabes acerca d'isso, donzellinha retorquiu o primo, riudo-se. «Por minha vontade queimariam todos os herejes da Inglaterra. Tenho ouvido o Frei Lyson dizer que elles defendem a plena liberdade de palavra e de pensamento, que a religião d'elles é apenas uma capa para solapar todas as leis do reino, e que heresia, está na raiz de toda a rebelião.»

«E's tão unido com o Frei Lysons que é uma pena não tomares as ordens sacerdotaes,» disse Bertram seccamente.

A palavra heresia ainda causava-lhe dôr ao coração, como á sua irmã, e, por

zar d'elle evitar, um secreto antagonismo surgira entre elle e Raul Hunter e parecia que um dia romperia em briga.

No principio os primos eram amigos, mas não tardou muito em apparecer repentinamente uma frieza. Bertram era rapaz brioso e honesto, cheio de bondade, mas tambem altivo e obstinado; não se importava com os estudos, o contrario de seu primo que só estava satisfeito, quando estudando com o padre da freguesia, o qual vinha todos os dias ensinar-lhes latim e theologia. Alem disto Raul tinha orgulho de ser estudioso; elle não era franco nem honesto e era o predilecto da mãe, que desculpava-o sempre que não se comportava bem, pois achava que não havia ninguem melhor que o seu bello e habil primogenito. O marido mostrou logo amizade pelo seu jovem sobrinho, o que fez surgir immediatamente ciumes em Raul Hunter e a viyar toda a maldade que existia em sua natureza. Quem era esse orpham pobretão, para ser classificado em igualdade com elle?

Então por elle ser seu primo deveria ter o melhor de tudo?

Seu pae nunca ia à caça sem levar Bertram; até seus irmãos achavam que sem Bertram nenhuma brincadeira prestava. Tanto o rapaz meditava sobre as supostas injurias que o seu semblante tornou-se carrancudo e o coração agro contra o parente, que, ao principio, supportou tudo com muita amabilidade, desajando recobrar a antiga amizade; afinal, quando viu que Raul continuava a recusar os convites de seu pae, com o rosto abaixado e um desprezo mal disfarçado, Bertram tomou o seu lugar, tornando-se o companheiro de seu tio.

«Raul que seja frade e viva de livros bolorentos, si quizer!» Disse, um dia, impacientemente o pae, talvez adivinhando o motivo porque o sobrinho recusava um passeio a cavallo. «Agora que descobri um rapaz com um coração de Robin Hood como o meu, não hei de deixar escapar. Já para o sellim, rapaz! Prefiro que não te importes com o latim do que desdenhes o ar fresco de Deus.» Raul ouviu isso e nunca mais esqueceu-se. Bertram vendo que os seus esforços eram inuteis, não continuou a ser tão amavel para seu primo, o qual não podia escon-

der o odio e a inveja que tinha d'elle. Algumas vezes, respondia-lhe; outras vezes, como nesse dia de S. Matheus, elle mesmo era o aggressor, porém Raul nada dizia; estava, aconselhado pelo Frei Lyons, adquirindo o costume de occultar os seus pensamentos aos outros.

Logo depois as crianças voltaram para casa, porém uma hora mais tarde do que deviam fazel-o, por isso ouviram immediatamente uma forte reprehensão de d. Joanna.

Bertram foi mandado limpar a lama que elle e os outros haviam deixado no salão; Robin e Guy correram ao pomar para tocar os porcos, que tinham entrado pela fenda que elles mesmo fizeram na sebe; Alice teve de ir ajudar o pobre Raul levantar a pilha de livros que ella vira amontoada na escada e Cecilia remendar o rasgão do vestido e ver que Alice estivesse asseada para a ceia. As crianças eram naquelles dias ensinadas a trabalhar bastante e a obedecer, e a snra. Hunter gostava de muita ordem em sua casa. Depois de despachar todas as crianças, segurando na cauda do seu pesado brocado, voou para dar ordens aos criados e ver que tudo estivesse prompto, para a chegada do seu hospede.

(Continúa.)

O Senhor tem a chave

Um piedoso negociante de Elberfeld, chamado Dietrichs, dirigia se um dia para uma fabrica de fitas, onde ia ver uma nova machina que estava excitando a attenção publica. Enquanto caminhava ia pensando nas diversas dispensações da Providencia e não achava resposta a mais de um *porque* e de um *como*, que despertavam em seu espirito a lembrança das prepiecias que elle tinha atravessado e a preocupação do destino das cousas.

Entrando na fabrica, pediu a machina para vêr. Viu uma multidão de bobinas que giravam, uma immensidade de fios cruzando-se em todos os sentidos em apparente e inexplicavel desordem, mas que seguitam uma direcção sabiamente combinada e acabavam por se reunir, formando um tecido verdadeiramente artistico. No meio da machina achava-se uma especie

de armario, de onde partiam todos os movimentos. Dietrichs fez ver ao operario, que lhe servia de guia, que elle admirava a prodigiosa actividade do mecanismo, mas que não comprehendia nem a sua complexidade nem o seu principio.

«O segredo, respondeu-lhe o operario, está neste armario; *é meu patrão que tem a chave d'elle*, e eu não posso vol-o abrir.»

Isto foi para Dietrichs como uma palavra de Deus, como resposta do Altissimo ás perguntas que agitavam seu espirito e seu coração.

«Sim, dizia elle, *meu Senhor tem a chave e eu quero deixal-a com Elle*. Si não posso conhecer o segredo, me é sufficiente saber que o » E terno reina» e que Elle achará sempre o meio de realizar seus decretos e de *fazer concorrer todas as cousas para o bem d'aquelles que o amam*.

ALEGRIA DA CASA

CAPITULO III

ACERCA DAS SALAS

A *sala de jantar* deve ser bem arejada; mas (principalmente no tempo do verão) é bom conserval-a muito *sombria*, por causa das moscas, ás quaes a escurid o afugenta, e que causam tão grande incommodo nas horas de comer. Depois de cada refeição, mórmente se houver creanças na familia, deve-se varrer o chão debaixo e á roda da mesa, para evitar que as migalhas caidas no soalho attraiam formigas ou outros quaesquer bichinhos. Se todas as manhãs dos seis dias de serviço fôr varrida e limpa da poeira (neste clima pouca mobilia deveria haver em que cuidar em uma sala de jantar), e lavada uma vez por semana, espanando se primeiramente as paredes e o tecto, a sala de jantar será sempre agradável e saudavel. Ha vassouras feitas de proposito para se varrer os tectos, etc.; mas, na falta dellas, uma vara comprida com qualquer outra vassoura bem segura e amarrada na extremidade de supprirã perfectamente; digo «segura e amarrada,» porque quando não, pode acontecer cair e causar damno, quebrar vidraças ou louças ou magoando alguém.

Na *sala de visita*, como na sala de jantar, como em todos os outros lugares e aposentos de uma casa bem governada, a

coisa principal é o *asseio*; e sobre este assumpto repetirei o conselho dado por uma senhora de grande experiencia a uma criada nova, á qual dizia: «Olha bem. Eu quero que me varras sempre todos os cantos da casa, e, varrendo-me tu os cantos eu dou-te licença que faças o, que te aprou-ver com o centro das salas!»

Quantas pessoas ha que somente cuidam do centro, deixando os cantos na maior indifferença, e varrendo talvez que ninguém olhará para taes legares! Quanto a mim é para os cantos dos soalhos e dos tectos que primeiramente reparo quando quero saber se uma casa está bem tratada ou não. Tenho entrado em certas salas de visitas, onde, nos cantos, debaixo dos sofás e das mesas, se vêem signaes bem evidentes de descuido, e até mesmo por sobre as mesas, em roda dos ornatos, apparecem *circulos* de poeiras. Nas costas das cadeiras, e de quasi todos os moveis, isso entãõ! poder-se-hiam desenhar com o dedo figuras no pó! Alguma vez, nas mesas, cobertas com ricos tapetes de brillhantes cores, seria vergonhoso erguel os deante de alguém e patenteal-lhe a grande camada de poeira que o desleixo de os não sa-cudirem amiudamente deixou ali accumular á sua vontade!

Ora ainda que esteja escrevendo especialmente para aquellas das minhas amigas, mães de familia, que não teem grandes trastes em uma sala de visita, todavia direi a todas que os mais ricos adornos só produzem sentimentos de fedio e até repugnancia quando são tratados com tamanho descuido; ao passo que é um verdadeiro prazer entrar em uma sala, embora muito pequena e simples, uma vez que esteja bem disposta e escrupulosamente bem limpa.

Lembrem-se que não é bastantã esfregar em *roda* dos objectos sobre uma mesa; convem deslocal-o primeiramente e limpar a mesa toda; em seguida repôr em cima os objectos, tendo-os limpo, um por um, separadamente antes de ir collocando, o que se deve fazer, não confusamente, mas, com systema e arranjo.

Tambem lembremos que não é sufficiente limpar somente a face dos moveis que está mais exposto á vista. Talvez que, se alguma das minhas leitoras virasse a cadeira sobre a qual está assentada, a ler ficasse admirada de ver quanta poeira e

immundicia se acha por debaixo do assento, prova muda, mas irrecusavel, de que ha muito tempo as suas cadeiras não são totalmente limpas !

Permittir-nos-hão que nos occupemos ainda de mais dois pontos.

1º Em todas as casas a sala de visitas é, por via da regra, o aposento maior e mais comodo de todos; ao mesmo tempo é o menos frequentado pela familia. Por que será? A caso não se faz toda a morada para uso e proveito dos moradores? Que lastima então que estes se não sirvam do melhor logar que nella existe! 2º E' triste ver em uma sala uma especie de *hypocrisia* que tenta illudir. Em muitas casas a sala de visitas está paramentada em um estylo e com uma apparencia de luxo bem differente do que se vê nos demais aposentos.

Emquanto, por exemplo, na cozinha tudo é pobre e incapaz, e nos quartos de dormir tudo é mesquinho e incompleto, regorgita a sala de visitas de adornos superfluos, como se todo o esmero da familia e todos os seus esforços unicamente se empregassem em tornal-a aparentemente vistosa, para dar de si boa idéa aos *estranhos*! Ambição pequenina e miseravel, que apenas inspira aos corações dos que a vêem compaixão pela loucura e pezar pelo erro que sacrifica espontaneamente o *conforto às apparencias*!

A minha deserção

REVELAÇÕES DE UM EX-PADRE CATHOLICO-ROMANO

(Conclusão da carta a meu pae)

« Pouco antes da minha ordenação de presbytero, pregou na igreja de Santa Thereza d'essa cidade, em tres dias consecutivos, o reverendo sr. dr. David das Neves. Os seus sermões sobre a confissão e sobre a transubstanciação eucharistica suscitaram em mim maiores duvidas acerca d'esses assumptos. Apesar de tudo, procurei-o na vespera da minha ordenação, afim de lhe fazer a minha confissão geral. A melancholia lia-se-me no rosto: não seria por certo mais profunda e pungente no coração do mais infeliz dos condemnados!

« Fui por elle recebido com carinho; ajoe-

lhei aos seus pés; fiz a minha confissão submerso n'um mar de duvidas, que elle não logrou desfazer, posto que, por vergonha, me declarasse convicto. Jamais na minha vida, meu pae, derramei tão copiosas lagrimas, como então. Estava mais desolado do que um prisioneiro n'um carcere sem esperanza de liberdade!...

« No dia seguinte, ao approximar-se a hora marcada para a ordenação, na rua Central do Jardim Botânico, passeava indeciso e meditabundo. Resisti, porém, ás impressões do momento e puz-me a caminho do paço episcopal, onde, na capella particular, se estava já notando a minha falta. Fiz por dissipar as minhas tristezas, recebi as ordens e em seguida fui para casa sabe Deus como.

« Por tudo o que deixo exposto, fui pedir á sua ex. reverendissima o sr. bispo-conde se dignasse conceder-me carta de encomendação para a freguezia do Cabril, no concelho da Pampilhosa da Serra, então desprovida de parcho collado, por ser aquella freguezia isolada, como muitas outras, dos bulícios do mundo e das suggestões do seculo e ter, por isso, esperanza de n'ella poder cumprir com mais facilidade as obrigações que a disciplina ecclesiastica me impunha. Para não me alongar mais, abstenho-me de fazer aqui minuciosas descripções de coisas que n'outra parte revelarei. Limito-me apenas ao principal.

« O dia da minha primeira missa foi o mais triste da minha vida. Celebrei-a cheio de pungentissima magoa; melhor fôra que Deus me tivesse levado para si... Nem um exilado soffre tanto com as agruras da sua situação como eu soffri n'aquelle dia tristemente memorando para mim!— Quando nos dirigimos para casa, o pae fez-me estas perguntas: « Por que choravas tanto quando estavas dando as mãos a beijar?— Porque vaes tão triste n'um dia em que devias mostrar-te alegre como nunca?— Recordas se, meu pae? Oh! nunca se apagaram da minha memoria aquellas duas perguntas a que não tive coragem de responder como queria.

« No dia 31 de março de 1901, cinco dias depois de ter celebrado a minha primeira missa, dava entrada na dicta freguezia de Cabril. O pae sabe perfeitamente quanto n'ella trabalhei para pôr em pratica os deveres do meu cargo pas-

toral; o meu zelo na pregação e na catechése não podia ser maior; sentia-me bem quando ministrava o pão da divina palavra aos jovens; experimentava uma chuva de bênçãos sempre que, chamando as creancinhas, lhes ensinava as primeiras verdades da religião. No confessionario e no altar, porém, só via um abysmo de duvidas e um sorvedouro de consciencias.

«Decorridos alguns mezes depois de assumir o cargo da parochialidade da referida freguezia fui ao collegio de jesuitas de S. Fiel, no Lourical do Campo, assistir a uns exercicios espirituaes que haviam sido annunciados n'um dos seus orgãos. Ouvia dizer que eram homens de sublime erudição, raro talento e piedade extrema. Formei, por isso, o proposito de ir a S. Fiel na primeira oportunidade que se me offerecesse e leve-o a effeito por occasião dos mencionados exercicios. Tão profunda veneração me attrahiram os padres jesuitas com quem falei,— particularmente os que dirigiram os exercicios, que, para pôr um dique á torrente de duvidas que se alastrava no meu espirito sedento de luz, julguei meio mais salutar e efficaz entregar a direcção da minha consciencia sómente aos p'dres da Companhia de Jesus, conformando-me inteiramente com as suas opiniões e conselhos e suffocando, portanto, todas as ideias contrarias que o meu espirito concebesse. Introduzi na freguezia o systema de direcção religiosa por elles aconselhado, não me poupando a enormes fadigas ora no ministerio da pregação ora no confessionario. Foi então que o fanatismo começou de se apoderar da minha alma. O santo lar da familia já não era para mim ameno jardim de delicias que emanando seu seio; via n'elle um elemento de perdição eterna e por isso detestava os conselhos que o pae me dava,—conselhos de bom pae,—e facilmente me encolerisava sempre que uma leve observação sua fosse algum tanto d'encontro á funesta orientação da minha vida.

«Desde que me submergi no medonho pélagó das venenosas doutrinas da religião romana, tão habilmente coloridas pela seita jesuitica, era meu intento permanecer na mencionada freguezia, receioso de que não podesse manter em qualquer outra a mesma norma de acção. No en-

tanto custava-me ir d'encontro á vontade do pae, pelo que deliberei concorrer á primeira parochia que fosse posta a concurso por provas publicas e procurar colarme n'ella desde que me fossem dada razoaveis informações. Logo que vi annunciado o concurso por provas publicas para provimento da freguezia de Anobra, no concelho de Condeixa, a qual me constava ser de recontros razoaveis para principio de vida, concorri a ella, recebendo a instituição canonica no dia 16 de fevereiro do anno ultimo. O meu coração não sentia alegria alguma n'aquella parochia tanto pelas condições particulares d'ella como por me achar sem animo para suster o peso das obrigações parochiaes prescriptas pelo direito canonico, pelos meus antigos mestres, pelos jesuitas e pelos livros de moral, e que, para ser padre exemplar e dar bom exemplo á sociedade, desejava fielmente cumprir.

«A descarnada mão do desespero comprimia já o meu coração juvenil. Na primavera da vida, veja, meu bom pae, as torturas intimas que este seu filho soffria! Quando ella me devia ser sorridente, não foi mais do que um atroz supplicio, uma negra condemnação!

—Frequentava assiduamente o confessionario, mas não me vinha d'ahi allivio para o fardo das minhas preocupações de consciencia, que eu sentia já morta, para a luz e para o sentimento!...

«Cahi, pois, no abysmo do desespero, entregando-me a todas as dissipações, que o mundo offerece, e dando de mão a todas as noções de moralidade. Um dia, porém, chegou em que fiz um supremo esforço para debellar a minha situação, mas foi de todo baldado. Cheguei a detestar a companhia de meu pae, em quem via um elemento da minha perdição, e por ultimo tambem a de minha irmã, para quem podia usar de maior indulgencia, em casos que o pae bem conhece; e só pelo interesse de os ver ambos afastados de mim, induzi o pae a ir para Coimbra, com a mana sob o estudado pretexto, de a querer habilitar para o magisterio primario. Tudo isto confesso, meu pae, com o mais profundo arrependimento, que pode sentir um coração. Perdê-me, meu bom pae, e diga

a mana que me conceda tambem o seu perdão.

»Em setembro do anno ultimo fui ao Seminario dos Carvalhos assistir a outro retiro espiritual, no intuito de procurar a paz da minha consciencia; fui porém mais uma vez beber veneno para o coração e tecer mais um estendel de mise serias para a minha vida.

Lancei-me nos antros da superstição, que me levou a contrahir sérios compromissos para poder levar a effeito a festa á Senhora da Conceição com o esplendor que desejava, na qual tive de applicar uma quantia, que era destinada ao pagamento da imagem do Sagrado Coração de Jesus, por mim encomendada no Porto; e tudo isto fiz na doce illusão, de que Deus faria descer em breve ouro do ceu para solver todos os compromissos contrahidos por outros motivos.

«Por ultimo, cahi na indifferença; a desolação em que vivia é inexprimivel; senti a necessidade de chamar para junto de mim pessoas que me distrahissem, pois que o gosto pela vida estava de todo exaustão. Já ha muitos dias que não subia ao altar a não ser aos domingos e dias sanctificados, e só fazia o que por dever de officio não podia deixar de fazer. Finalmente cheguei a desconfiar do meu estado mental; não me comprehendia a mim mesmo; as faculdades pareciam me estar offuscadas e o tédio da vida não podia ser maior.

«Uma tarde fui dar um passeio sosinho para fazer sobre mim mesmo uma profunda reflexão. O resultado foi ter de seguir um d'estes alvitres ou entregar-me á corrupção, abandonando todos os principios de religião e de moralidade,—ou abjurar a religião romana, cujas pestíferas aberrações me enervavam a alma e me roubavam ás santas dedicações da Familia,—ou por tanto á vida. Não havia quem lograsse dissuadir-me de realisar um d'es tes propositos.

«Ha momentos na vida em que todo o homem vacilla; ha casos que o fazem succumbir. Eu vacillei, mas, felizmente não succumbi. E' que a mão de Deus dirige-me por outro caminho; leva-me para outra região mais fecunda de luz e de verdade, de paz e de esperanza. Creia isto, meu bom pae, e não lhe será vã esta crença. Vacillei; dominava-me a timidez;

não tinha coragem para revelar a pessoa alguma os segredos intimos da minha vida, e muito menos a meu pae; todavia, era forçoso quebrar as cadeias que me agrilhoavam a alma. Abandonei, pois, o meu campo de acção, onde com certeza me tornaria mentecapto se n'elle permanecesse por mais algum tempo. A uinguem disse coisa alguma pelas considerações já manifestas.

«Avalio bem, meu querido pae, os desgostos, que ultimamente tem soffrido por minha causa; por isso me peza immenso o meu deshumano procedimento para com o pae e para com a mana, que a timidez me não deixou vencer, pedindo a ambos o perdão que não mereço mas de que não posso prescindir.

«Vou concluir, dizendo-lho em resumo as vicissitudes por que ultimamente tenho pasado.

«Sahi de Anobra directamente para Lisboa, onde estive tres dias, decorridos os quaes parti para Badajoz. Procurei n'esta cidade a casa dos padres Lazaristas, onde estive quasi tres dias. Voltei novamente para Lisboa onde, exaustos ultimos recursos, consegui ser collocado como caixeiro numa loja da rua da Graça, pertencente ao negociante sr. Manuel Alves Fernandes, sujeitando-me a todo o genero de serviços, como por exemplo levar cestos de batatas, garrafões de vinho, etc., onde quer que elle me mandasse. Algumas pessoas de bem que conheciam já as minhas habilitações e posição social tiveram para commigo a generosidade que jamais poderei devidamente agradecer, de me tirarem d'aquella occupação e de me socorrerem com uma subscripção para não soffrer necessitates enquanto se me não deparar emprego conveniente. Resido actualmente no largo do Corpo Santo, 28, 4., dir., para onde deve enviar-me resposta.

«Pego-lhe, meu pae, que não me responda em termos que me desgstem. Sem duvida que o pae deve ter passado privações; peço lho, porém, que não desalente, que a Providencia Divina não deixará de me conceder um meio digno de me amparar a mim e áquelles que, depois de Deus, mais adoro na terra. A situação em que os meus compromissos me collocaram enche-me de pejo, mas não me fará desfallecer. Serei bem explicito e

sincero em revelal-a ao publico, certo de que me não olhará por isso como digno de desdem, mas como um homem de consciencia que de algum modo deseja corrigir os erros do passado.

«Ao altar-throno da superstição e da blasphemia,—e ao confessionario, cadafalho das consciencias e athaude das almas —jámais se encaminharão meus passos: prefiro soffrer a maior penalidade a que possa ser condemnado um réu. A minha divisa d'ora avante será:—«Evangelho, Familia, Sociedade; e não «Fanatismo, Egoismo, Superstição,»—os tres pestiferos fructos d'essa arvore nefasta que se chama, «romanismo» e que os jesuitas cultivam como ninguém.

«Peço ao meu bom pae que sem demostra me mande noticias suas e da mana, a quem cheio de dor e de saudade, abraço affectuosamente, se tal me permittem, pois não seu digno de os abraçar.

«Que o bom Deus vele pela saúde do pae e da mana e que desde já se dissipe do seu coração de pae o desgosto que lhe tem causado este seu filho ingrato. A minha saúde, meu pae, tem sido boa, felizmente.

«Tenho tido receio de lhe escrever; agora sinto-me envergonhado de o não ter feito. Desculpe me mais esta offensa.

«A sua benção, meu pae, para quem se subscrive humilde e respeitosa, seu filho muito amigo, obediente e de veras agradecido. Lisboa (largo do Corpo Santo, n.º 28, 4.º, direito), 2 de março de 1903.»

(a) MANUEL PINTO DOS SANTOS.

Perdido para o cura

Nosso irmão Dréan, colportor em Nantes, visitou ultimamente uma familia para qual vendera uma Biblia, ha dois annos. Elle foi bem recebido e convidaram-n'o para se aquecer.—E aquella Biblia, perguntou elle? O que me tendes a dizer?—Ella nos fez muito bem, respondeu o dono da casa, mas fez muito mal ao cura.

—Como assim?—Eis o motivo, respondeu o dono da casa. Ultimamente recebemos a visita do cura e de seu vigario. Logo que entraram, disseram me: pae João, não sois visto mais na missa, e ereis

antigamente tão devoto! Nós pensavamos que estaveis doentes.

—Oh não, senhor cura! mas desde que passei a sacerdote, eu mesmo digo a missa em casa.

—Como, pae João; então vos tornastes sacerdote? Dizeis a missa em casa? Eu não vos comprehendo.

—Sim, senhor cura. Tenho um livro como vós. E' a palavra de Deus em francez. Eu a entendo melhor do que si fosse ouvir-vos lêr em latin. E eu li em meu livro que nós todos somos sacerdotes deante de Deus e que podemos offerecer-lhe pessoalmente as nossas orações. Vou procurar a minha Biblia.

Vós e vossa familia estaes condemnados se continuaes a ler esse máu livro!

--Porque?

—Porque é um livro protestante. Si o ledes, estaes perdido para sempre!

—E' verdade; estou perdido para vós e para vossa Igreja, mas achado por Jesus Christo, que me deu a luz e a paz.

—Dir-se-hia, pae João que vos tornastes santo!

—Sem duvida. Jesus Christo não disse: «Sede santos como vosso Pae celeste é santo?»

—Vamos, pae João, dae-me esse máu livro, ou queimai-o

—Não, nunca, senhor cura. Si eu queimar este livro, ficaria bem comvosco, porém mal com Deus, e eu prefiro agradar a Deus do que aos seus sacerdotes.

Ouvindo isto, os dois ecclesiasticos partiram exclamando: Deus vos castigará! E nem disseram adeus.

Eu escutei esta narrativa com alegria, concluiu o nosso amigo.

Lemos um capitulo juntos.

Fiz uma oração. Depois apertamos as mãos uns dos outros, cheios de reconhecimento para com Deus.

(Messenger des Messagers.)

AOS ASSIGNANTES

Do proximo numero em diante tentamos suspender a remessa de nossa folha aos assignantes que não tiverem satisfeito a importancia de suas assignaturas nem ordenado a continuação da remessa.

Noticias de Portugal

Lisbôa 18 de Março de 1903.

Meu presado irmão e amigo.

A paz de Deus, o amor de Nosso Senhor Jesus Christo e o ensino do Espirito Santo, lhe seja multiplicado, em toda a sorte de bençãos celestias em toda a sua casa e familia. Amen.

N'esta ultima viagem fui ao Porto apedido do sr. Jones, para tomar parte na inauguração, de um Salão que elle edificou em Ramalde, e o consagrou á pregação do «Evangelho,» no 1.º Domingo deste mez. Ahi encontrei tambem o sr. Wright, que me disse que seguia com as manas para Inglaterra. A' reunião assistiram mais de 400 pessoas, e durou das 3 horas até ás 7 da tarde, na melhor ordem concluindo com um baptismo e ceia do Senhor.

Depois segui para o sul, percorrendo as seguintes terras, Aveiro, Ilhavo, Gafanha, Vagos, Quintario, Figueira, Buarcos e Caritos. Voltando depois á Figueira, ahi tivemos a ceia do Senhor no 2.º Domingo do mez; assistiram e tomaram parte n'ella os irmãos que vieram da Gafanha e Mira. Aqui recebi uma carta com algumas 9 ou 10 assignaturas, a pedir-me para ir a Soure annunciar o «Evangelho,» aquelle povo, em seguida á carta, chega o sr. Miguel Cardozo Mendes, para me acompanhar; segui com elle para Soure, indo tambem, o sr. João d'Oliveira Coelho. Os ouvintes, não se podiam contar: calculo que se approximassem a 200 pessoas. O sr. Miguel embarcou para o Rio no dia 16 do corrente. Quando elle ahi chegar lhe contará o que Deus está fazendo por nós aqui.

Continúa.

Do nosso irmão e agente sr. José Santos e Silva recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 19 de maio de 1903.

«No mez de março fiz uma viagem evangelica pelas provincias da Estremadura, Douro e Beira Alta, visitando alguns novos logares. Graças a Deus, pude realisar boas reuniões em Brigueira (proximo de Leiria), na Figueira, em Cannas de Semide, Frossos, Gandufe, etc., e visitei tambem alguns outros logares como

Nazareth, Alcobaça, Portunhos, Aveiro, Valle da Silva de Loure, Mangualde, etc., onde se fez boa distribuição de tratados.

Em Portunhos está a familia do sr. José Nobrega a qual tem soffrido uma perseguição. Vi que mal apparecem á porta ou á janella, logo os carregam de maldições e insultos. Tive occasião de participar um pouquinho d'essas *amabilidades* dos fieis servos do papa. Pobre gente!

Encontrei em muitos logares almas anciosas, mas cheias do temor dos homens. Para ganharem coragem, necessitam muito de ser visitadas a miudo, o que não é, infelizmente, muito facil. Necessitamos de que o Senhor augmente o numero dos obreiros, de modo a poder se attender á grande seara, e isso Lhe rogamos instantemente.

Segundo noticias que tenho recebido depois desta viagem, em alguns logares Satanaz tem-se enfurecido e emprega todos os seus estratagemas para impedir que os peccadores sigam a Jesus.

Tambem no Algarve está agora sendo prohibida a distribuição da Biblia, por causa d'um officio que o governador civil do districto de Faro recebeu do ministerio do reino, em que se ordena que todos os livros religiosos não approved pelas auctoridades ecclesiasticas do paiz sejam considerados como contrarios á religião do Estado e *ipso facto* apprehendidos. Diz mais que, sendo o vendedor apanhado em flagrante, seja preso e remettido para juizo como incurso no art. 130.º do Codigo Penal. Pelo secretario do ministerio do reino,—o proprio que fez este officio,—soube-se que o arcebispo do Algarve o dictára!

Este arcebispo é um dos que em 1901 pediram ao presidente de ministros o encerramento das casas de culto evangelico. Esperamos que o nosso Bom Deus mostrará mais uma vez ao pobre arcebispo a sua estulticia.

E, emquanto isto se passava no Algarve, temos que dar muitas graças a Deus pelo que acabamos de ver em Lisboa.

Para o cortejo civico que se realisou na trasladação dos restos mortaes de Almeida Garrett para os Jeronymos, foram convidados tambem os collegios evangelicos da capital. Estudado o caso e depois

d'algumas hesitações vencidas, todos adheriram a esta manifestação publica, tendo principalmente em conta que isto não era outra cousa senão o reconhecimento da obra do Evangelho em Portugal, por parte das entidades superiores ou intellectuaes do paiz e com assentimento das auctoridades. Mas o mais digno de admiração foi a honra que dispensaram aos nossos collegios pondo-os a abrir o cortejo!

Foi a primeira vez que, em Portugal, tal cousa foi vista. A' frente, depois d'um piquete de cavallaria e d'uma banda militar, que tocava o hymno da Carta, o pendão azul e branco d'um COLLEGIO EVANGELICO! A seguir mais seis collegios evangelicos com os seus titulos em letras bem visiveis em pendões e facha-das!! Depois os collegios catholico-romanos!!! E isto, note se, sem ser pedido ou encomendado pelos evangelicos. Uma gloriosa surpresa! Gloria a Deus! Distribuiram-se 200 folhetos intitutados—*O que diz Almeida Garrett acerca da religião evangelica (protetante)*.

Um padre que ha poucos mezes deixou a Igreja Romana, o sr. Manoel Pinto dos Santos, prior da Auobra, tem assistido aos cultos evangelicos e está estudando a Biblia. Está publicando na *Vanguarda* um estudo historico sobre a confissão, e ultimamente foi-lhe offerecido o salão da Associação dos Logistas de Lisboa, onde tem feito conferencias com a assistencia de alguns centos de pessoas de todas as classes, que o tem applaudido muito.

E' deversas sympathico. Deus pode usal-o se quizer.

Os jornaes tem publicado extractos das conferencias e o que é mais admiravel é que têm feito isto até alguns jornaes affectos á igreja de Roma, como o *Diario de Noticias*.

NOTICIARIO

A. C. M.—Folgamos registrar que as Conferencias aos domingos nesta sympathica associação têm sido muito frequentadas; as ultimas tiveram mais ou menos 130 e 110 pessoas respectivamente.

—A Commissão de Religião annunciou uma nova serie de 8 conferencias com o titulo *Oito batalhas decisivas da alma* e para tornal-a conhecida mandou imprimir uns programmas muito attractivos.

—O eminente dr. Ennes de Souza fez uma conferencia sobre *A Cooperação*, que foi muito apreciada pelos 150 assistentes.

Essa conferencia vai ser impressa em folheto.

—O quarteirão da rua da Quitanda onde se acha a séde da A. C. M. vai ser calçado a parallelipedos especiaes, de forma que é possivel que apresente bello aspecto por occasião da Convenção Nacional das A. C. M. em julho.

—A Commissão Organisadora da Convenção Nacional tem trabalhado activamente.

Acaba de sahir á luz o primeiro boletim quinzenal descrevendo o que já ha feito. Traz a adhesão de ministros do Evangelho, a communicação dos delegados que vem, etc.

Este boletim será remettido gratuitamente a quem o solicitar do secretario á rua da Quitanda, 39.

Até agora sabemos que virá do estrangeiro, representando a A. C. M. de Buenos Aires o sr. B. A. Shuman e do Rio Grande do Sul o sr. Bispo Kinsolving. De Portugal escreveram que não é possivel mandarem nenhum representante, o que deversas lastimamos.

—Para o dia 13 de maio foi marcado um passeio para Copacabana, tendo por ponto a residencia do nosso irmão Clark.

O dia amanheceu e conservou-se muito chuvoso e frio e além disso, correndo a triste noticia do fallecimento de d. Manoelita, poucos foram os moços que compareceram.

O PURITANO.—Depois de uma curta suspensão devido a deficits accumulados, reapareceu *O Puritano*, organ da Igreja Presbyteriana desta cidade.

Comprimentando á sua redacção felicitamol-a, por ter eliminado em tão pouco tempo o avultado deficit de 800\$000.

100 DIAS DE INDULGENCIAS.—Assignado *Um grupo de jovens evangelicos* foi distribuido em Lisboa um folheto declarando que o Cardial Patriarcha de Lisboa havia concedido 100 dias de indulgencias aos fieis em cada dia que fizerem a leitura do 1º volume da edição da Biblia Sagrada vertida pelo Padre A. P. de Figueiredo e incitando a mocidade a lér a Biblia. Na mesma occasião a attenção do leitor é chamada para textos que condemnam o romanismo.

EL DON DE DIOS.—Recebemos tres exemplares de um folheto com o titulo acima da lavra do nosso bom amigo argentino, Rev. Daniel Hall. O folheto que tem apenas oito pequenas paginas, expõe com clareza a salvação que nos é offerecida e a razão porque a necessitamos.

Esperamos publicar a sua traducção e aproveitá-la depois para um folheto.

Em hespanhol já foram publicadas duas edições de 5.000 exemplares cada uma.

Agradecemos ao amigo Hall a sua lembrança.

DOENTES.—O nosso irmão sr. Antonio D. Assumpção, foi victima da mordedura de um cão hydrophobo. Graças a Deus acha-se melhor tendo ido tratar-se no Instituto Pasteur.

—A exma. sra. D. Leopoldina dos Santos tem piorado ultimamente; esperamos que o Senhor attenda aos rogos de seus servos e que a restabeleça.

—A exma. sr. D. Christina F. Braga, presidente da Sociedade Christã de Moças, tem andado deente ultimamente e impossibilitada de andar. Agora, graças a Deus, acha-se melhor.

—Acha-se gravemente enferma a nossa irmã Maria Estevam. Na Igreja E. Fluminense tem sido feita oração pelo seu restabelecimento.

NICTHEROY.—A inauguração da Nova Casa de Oração desta cidade, sita á rua da Praia, hoje Avenida Rio Branco, deverá ser inaugurada no domingo 14 de Junho.

Do edificio quasi nada ha a fazer, faltam, porém, os bancos e a iluminação em via de completar-se.

Os irmãos continuam anciosos a angariar meios, pois tencionam inaugurar o edificio sem divida alguma e ainda falta uma boa quantia.

Folgamos de ver este esforço e pedimos a Deus que os abençoe e attenda ás suas aspirações.

PRESBYTERO.—Foi eleito presbytero da Igreja Presbyteriana desta cidade, o nosso irmão Dr. Lysanias de Cerqueira Leite, vice presidente da Associação Christã de Moças.

Fazemos votos para que o Senhor o abençoe ricamente neste importante cargo. Aceite nossos parabens.

CASAMENTO.—No dia 2 de Abril teve lugar o casamento da Exma. sra. D. Sophia Pinto Novaes com o sr. Alvaro Alves de Souza Soares.

Nossos parabens.

NOTAS PESSOAES.—Chegaram de Portugal o nosso irmão sr. Francisco J. da Silva Junior e J. Cerqueira. Este é natural de Caminha e é membro da Associação C. Moços do Porto.

—Acha-se entre nós, devendo embarcar no vapor Byron para os Estados Unidos, o nosso irmão Rev. José M. Higgins, digno pastor da Igreja Presbyteriana de Curitiba Estado do Paraná.

Durante a sua curta estada nesta cidade tem desenvolvido a sua actividade pré-gando em diversas igrejas evangelicas.

O Rev. Higgins pretendé ficar dous annos nos Estados Unidos.

Desejamos-lhe uma feliz viagem.

—Regressou no mez passado de S. Paulo, onde esteve por um mez, o nosso irmão sr. Luiz F. Braga.

—Acha-se em S. Paulo o nosso collega redacção Dr. Soares do Couto (Lauresto).

—Esteve entre nós por alguns dias o Rev. Bickerstaph, digno pastor da Igreja Presbyteriana de Castro, Paraná e sua digna esposa, seguindo depois para os Estados Unidos, via Inglaterra.

—Deve embarcar no «Argentina» no dia 6 de Junho para Allemanha, a sra. D. Ida Knorr, que veio em companhia de Mademoiselle Huber.

Boa viagem.

—Deve embarcar no dia 2 para a America do Norte a familia do sr. Dr. H. S. Allyn, digno director da Casa Editora Presbyteriana.

ENCANTADO.—Em outra secção publicamos a acta da sessão de inauguração da Igreja do Encantado e que vale por uma noticia da festa.

Damos os nossos sinceros parabens aos dignos irmãos do Encantado e sómente lastimamos ter sido impedidos de presenciar tão solemne acto, como do era nosso desejo.

REVISÃO DA BIBLIA.—Tem estado reunida em Friburgo durante este mez, uma commissão encarregada de rever a traducção de Figueiredo pelas sociedades Biblicas Americana e Britannica,

PSALMOS E HYMNOS.—Acabou de sahir do prelo, em Portugal, a nova edição, typo pequeno, uniforme com a ultima edição das «musicas sacras.»

E' um livro portatil, com 526 hymnos, isto é, mais 26 do que o que contem o livro das musicas, indice dos assumptos, indice dos psalmos metrificados, indice dos auctores e indice das primeiras linhas.

A obra está bem impressa e o typo escolhido é muito legivel. Traz a data 1902.

Ao nosso irmão Alfredo Silva agradecemos o exemplar elegantemente encadernado com que nos obsequiou.

—Avisamos aos nossos leitores que a edição de typo maior acha-se á venda nesta cidade ás ruas da Ajuda 20 e S. José 60. Os nossos irmãos J. J. Alves e P. J. Fagundes tambem tem á venda esta edição em quatro feitos, a saber : brochada, com capa preta e folhas vermelhas 2\$, capa dura folhas vermelhas 3\$, couro folhas douradas 5\$, couro flexivel folhas douradas 6\$, e com musica para 8\$, 9\$, 10\$, e 12\$.

Todos os irmãos devem assistir ao culto acompanhado de seu livro de hymnos.

FALLECIMENTOS.—Falleceu no dia 8 do corrente no Encantado a nossa irmã D. Leonor Rodrigues Martins, joven esposa do nosso irmão Manoel R. Martins. Esta moça deu um bello testemunho de sua fé. No ultimo dia pediu que não chorassem porque ella ia para o céu e pouco antes de morrer, com muita alegria, disse que já estava vendo o céu.

Deixou uma menina na orphandade. Foi recebida como membro da Igreja Fluminenseodia 8 de Dezembro de 1901.

Ao seu digno esposo, nosso irmão Manoel Martins, desejamos que o Senhor, o encha de seu Espirito de resignação e que o auxilie em tudo.

A' digna familia Martins os nossos sinceros pezames.

—Ao coração de quantos a conheciam echoou dolorosamente a noticia da morte da Exma. Senhorita Manoelita Pereira de Moraes, occorrida no domingo, 20 do corrente mez de Maio, ás 11. 20 da noite.

D. Manoelita falleceu cercada de todo o carinho da familia e das enfermeiras que a estimavam muito. Desde que adoeceu da molestia que a levou á sepultura

—a tuberculose—não se ouviu um só queixa um só lamento. Estava tão resignada e paciente como sempre o foi durante a sua curta vida sobre a terra.

Cada pessoa que a conheceu ficou captiva de sua amizade, quer aqui, quer em S. Paulo, quer em todos os logares onde esteve e a prova disso é o testemunho de innumeradas cartas que as suas dignas irmãs têm recebido de toda a parte.

Era uma amiga dedicada da Associação Christã de Moços, accudindo sempre com o seu generoso obulo quando a Associação apelava para o publico.

Os seus ultimos momentos foram uma lição de calma e um consolo para os que os presenciaram.

Entregou a sua alma ao Creador contente, quasi sem movimento algum, declarando que estava prompta.

O seu enterro foi concorridissimo.

No proximo numero esperamos publicar um carta interessantissima a seu respeito.

Nossos sentidos pezames a todos os membros de sua digna familia.

—A digna familia Cerqueira Leite, soffreu novo golpe com o fallecimento da nossa prezada irmã, D. Candida de Cerqueira Leite, no dia 13 do corrente ás 9 50 da noite, em S. Paulo. D. Candida era professora de um grupo Escolar naquella cidade e muito estimada por todas as suas alumnas.

A sua molestia foi de curta mas dolorosa duração, apenas 20 e tantos dias, durante os quaes não se mostrou queixosa, antes pelo contrario, resignada até o fim.

A' sua cabeceira assistiu ao seu passamento o seu digno irmão sr. Remigio de Cerqueira Leite, como assistira ao fallecimento de sua cunhada D. Manoelita, tres dias antes.

Aos nossos caros irmãos srs. Remigio Mario, José Candido, D. Josephina e Alfredo de Cerqueira Leite, apresentamos sinceros pezames.

—Em 29 do proximo passado falleceu o nosso irmão Antonio Roque da Silva. Foi recebido como membro da Igreja E. Fluminense em 4 de Dezembro de 1898.

—Falleceu, depois de muitos soffrimentos, o nosso irmão sr. Casemiro José Alves, membro da Igreja Presbyteriana do Riachuelo, a cuja familia apresentamos nossos pezames.